



**CAPA**  
Mujer pistilo, 2023  
Provincia de Tigre,  
Buenos Aires, Argentina.

NÃO CABEMOS.

ENSAIOS Y REFLEXIONES CRÍTICAS Y VISUALES EN ARTE CUIR

Cynthia Shuffer  
(USACH - Universidad de Santiago de Chile)  
Debora Pazetto  
(UDESC - Universidade do Estado de Santa Catarina)

*Lacunas lacunas lacunas  
contratempus  
contrassentidos  
o que não se escreveu violência  
fora do texto  
(Monique Wittig)*

Não cabemos neste dossiê. Assim como não cabemos nos resumos, palavras-chave e bibliografias. Nem nas fotografias, performances, instalações, pinturas, curadorias e fichas técnicas. Não cabemos nos formatos: artigo, entrevista, resenha, ensaio visual, tradução. Não cabemos entre margens de três centímetros. Nem em imagens de 300 dpi. Nem nos limites de caracteres. Não cabemos nas notas de rodapé.

Mas esse é o nosso ponto de encontro. Nos reunimos — individualmente, coletivamente e espaçotemporalmente — aqui — porque nosso desejo-corpo não coube — lá — naquele velho, branco, colonial e insosso cishtema. Fue necesario desbordar, derramar, romper, cortar. Nunca fue tranquilo y pacífico. Nos derramamos como metralla, rompiendo los cristales, como dice Jota Mombaça, abrindo o corpo a uma intensidade que só pode decorrer do fato afiado de um corte.

Podemos nos nomear de muitas formas. Cuir, kuirs, cuíras, sapa-transviades, l g b t q i a p n +, bichas, locas, marikas, desobedientes-dissidentes-desviantes-desistentes de gênero. Também não cabemos nos nomes. Pero nos encontramos — aquí — para reunir ensayos, análisis

visuales e intervenciones teóricas. Es decir, reunir nuestros cuerpos, imágenes, narrativas, memorias, gestos, críticas, archivos, deseos, riesgos, afectos, conspiraciones, delirios etc etc etc.

Para esta convocatoria, hicimos un llamado a personas investigadoras, artistas y pensadoras a contribuir con ensaios y reflexiones críticas y visuales sobre arte cuir/ lgbtqiapn+ en América Latina, entendiéndolo no como una producción temática o identitaria, sino como un dispositivo político, estético y epistemológico que tensiona las fronteras de lo visible, lo decible y lo posible. Esse é o nosso desafio aqui. A nossa brincadeira. Mostrar imagens do que escapa continuamente aos regimes de visibilidade e invisibilidade. Interpelar subjetividades que colapsam a própria noção de sujeito. Propor narrativas visuais e textuais junto a corpos que transbordam as molduras e as gramáticas. Inventar o performático que corta o performativo. Teorizar junto a desejos que deformam as condições de inteligibilidade. Falar, pensar, ler, escrever, investigar, imaginar, criar imagem de, sobre, com, junto a existências que rompem indefinidamente os limites da linguagem.

.....

*Então você tem seus pés no vulcão*, de Francisco Mallmann, abre o dossiê acompanhando a comunidade Catrileo+Carrión — coletivo Mapuche não-binário do Chile — em práticas de arte, terra e ancestralidade dissidentes que produzem formas próprias de memória e mundo. Enquanto a noção de *epupillan* emerge junto a subjetividades que escapam às normas coloniais e heteropatriarcais, ativando alianças entre humanas e não humanas, a escrita, concebida como gesto têxtil, atravessa arquivos, afetos e fabulações.

Na sequência, Ian Habib apresenta *Museu transgênero de história e arte: museu-performance ou museu-obra-de-arte*, no qual discute o MUTHA como instituição viva, capaz de deslocar binarismos e instaurar

temporalidades não lineares. Ao revisitar paradigmas da museologia e dos estudos da performance, Habib propõe um museu que é também performance e obra, rompendo fronteiras entre corpo e arquivo, memória e matéria, documento e acontecimento.

Em *Arte sapatão e a crítica da in/visibilidade, ou brincadeiras (seríssimas) com nossa história visual (e sua ausência)*, Debora Pazetto propõe categorias analítico-visuais que conectam práticas artísticas contemporâneas com rastros históricos da arte sapatão. Essas categorias são organizadas em cinco painéis: *Retrato da amada*, *O casal*, *Retrato sapatão*, *Sapabonde* e *Contra-arquivos*. O que está em jogo não é apenas a presença de sapatões na história da arte, mas a possibilidade de reconfigurar os termos da in/visibilidade e interferir na memória coletiva.

Cristian Aravena discute o livro de Daniela Capona, *A una isla los llevaría... Estrategias de aparición de la subjetividad marica en la escena teatral chilena*, que traça um panorama crítico a partir das dissidências sexuais, revisitando seis décadas de criação em diálogo com contextos de censura, ditadura, hiv e neoliberalismo. Entre cabaré, varieté, prostíbulo e experimentações contemporâneas, a obra compõe um mapa de gestos que fazem do desejo uma intervenção política e do monstruoso uma chave crítica.

Rafaela Maria Moreira Monteiro, em *Quebras: a pintura travesti como ato de (re)existência na Amazônia paraense*, analisa sua própria produção pictórica como gesto de reconstrução diante do olhar cisnormativo, ativando a imagem como monumento afetivo e político. O texto articula autobiografia, crítica cultural e história da arte para repensar o retrato e o estatuto da pintura. A série surge, assim, como arquivo visual que afirma presenças trans e reimagina futuros possíveis na Amazônia.

O texto *Desorientar el “Orgullo”*, de Ernesto Orellana Gomez, reflete criticamente sobre as práticas políticas e afetivas que emergiram no Laboratorio Performativo “Para un Orgullo Crítico: Insubordinadxs del Deseo”, realizado em 2025 como contraponto às comemorações

institucionalizadas da Marcha do Orgulho em Santiago do Chile. A partir de experiências corporais, debates e ações coletivas, a proposta desorienta as convenções normativas que moldam o discurso da diversidade sexual e denuncia sua captura por agendas liberais.

O texto coletivo *Cuir-escritura, pesquisa contaminada: des/fazendo práticas de investigação em artes desde a borda do mundo*, de Lidia Cesar Penha Ganhito, Mariana Pougy e Pacor propõe uma escrita por diálogo, desvio e interrupção. A conversa fabulada entre quem escreve, quem lê e referências teóricas cria um território onde assunto, forma e método se transformam mutuamente. O resultado é um dispositivo textual que assume o fragmento, o ruído e a fofoca como modos de produção de conhecimento.

Cynthia Shuffer apresenta uma conversa com Forever, artista dissidente que há anos registra a cultura ballroom no Chile. *Verte caminar, Forever. Conversación sobre fotografías, archivos y resistencias político-sexuales* é um diálogo sensível sobre os vínculos político-afetivos que emergem nos ensaios fotográficos, nas ruas e nos espaços comunitários onde se inventam formas de criação e cuidado compartilhado. Nessas zonas de refúgio fugazes, a memória circula como herança íntima que se transmite e se transforma entre corpos em movimento.

Em *Intentar ser pássaro: uma conversa com Susy Shock*, Joanna Leoni entrevista a atriz, cantora e escritora argentina Susy Shock. Nesse diálogo entre duas travestis sudacas sobre a potência de reinventar linguagens e futuros, a existência-pássaro surge como imagem de quem não pede permissão para ser, porque herda a rebeldia das que vieram antes e planta sementes para as que virão. Nesse sentido, travestis são perigosas: mapas de resistência e arquivos vivos que desmontam as certezas deste mundo.

A artista Efe Godoy apresenta o ensaio visual *A cada vez que esqueço de dizer algo, brota um pensamento novo que pode ser esquecido outra vez*, formado por fotos garimpadas que, ao serem rasgadas, geram



movimentos montanhosos. Uma mistura de memória com realismo mágico latino-americano, o ensaio é um reflorestamento vivo com pessoas anônimas que se hibridizam com plantas, reconectando-se com a natureza de existir neste planeta.

*Bofe*, de ciber\_org, é uma montagem fotográfica composta por fotografias 3x4 de diferentes momentos de sua vida, recortadas e sobrepostas, compondo um rosto-retalho atemporal e multigênero. A série é acompanhada por um texto que discute identidade, corpo e leitura social. *Bofe* é uma reflexão visual e crítica sobre o aspecto artificial das identidades, tanto as fabricadas pela cisheteronorma — mulher, homem — quanto as refabricadas pelas sexo-gênero dissidências — sapatão, bofinho, sapatransviade.

Em *La metamorfosis es necesariamente delicada. Para Claude*, Ana Pol Colmenares reinscreve as ações de Claude Cahun e Marcel Moore, destacando a potência política de suas intervenções performativas contra o fascismo. O ensaio visual aproxima memória, arquivo e ficção para refletir sobre a escrita como arma sensível. Imagens e fragmentos textuais operam como tentativa de aproximar passado e presente, evidenciando formas de resistência queer que atravessam corpos e temporalidades.

Em 2020, Andrés Valenzuela Arellano convocou a performance *Procissão a meio mastro*, acionada às margens do rio Mapocho após a agressão policial a um adolescente. Gestos de luto público — silêncio, oferenda e intervenção na bandeira chilena — transformam o rio em arquivo simbólico e espaço de presença dissidente. A performance é aqui transformada em ensaio visual, combinando registros fotográficos com reflexões ancoradas em práticas transfeministas.

nestor varela junior apresenta o ensaio visual *Eu quis queimar a língua que me havia sido ensinada: queimando a linguagem com Pedro Lemebel*, no qual retoma a performance *Abecedario* (2014), em que Pedro Lemebel incendeia letras de neoprene na rampa que leva ao Cemitério Metropolitano de Santiago. Junto à tipografia *Abecedario* (2025),

construída pela vetorização das letras incendiadas, o ensaio inclui uma carta a Lemebel e registros da ação *Vai pegar fogo*, que reinscreve a combustão como gesto de escrita e memória.

.....

Se este dossiê insiste em afirmar que não cabemos — inclusive nele próprio — é porque seguimos escolhendo el exceso como método, el riesgo como ética y el desborde como práctica de mundo. Não cabemos e seguimos aparecendo — com nossas contradições, intensidades, línguas feridas e reinventadas — como uma constelação instável que brilha além das categorias que nos estreitam. Talvez o que este dossiê anuncie, por fim, es que no se trata de caber, sino de hacer rajar, abrir huecos donde podamos respirar y conspirar.